

Confrontação poderá trazer transtornos

por Alexander Nicoll
do Financial Times

Apesar dos coquetéis suntuosos em ambientes sofisticados, foi difícil fugir do clima de confrontação e desalento que cercava a reunião anual, nesta semana, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Miami, Estados Unidos.

O Brasil e seus principais bancos credores virtualmente não cederam terreno de parte, em diversas rodadas de negociações. Enquanto isso, trava-se uma batalha entre os Estados Unidos e outros países sobre o controle do próprio BID.

A confrontação entre o presidente do Banco Central do Brasil, Francisco Gros, e o comitê consultivo de bancos liderados pelo Citibank, deixa em aberto a possibilidade de que a liquidez e o comércio do País poderiam sofrer transtornos depois de 31 de março, data de vencimento de US\$ 15 bilhões em linhas de crédito de curto prazo.

Um telex está sendo enviado aos bancos que man-

têm abertas essas linhas de crédito, solicitando-lhes uma prorrogação informal de sessenta dias. O comitê consultivo agirá somente como mensageiro do Brasil e não endossará o pedido. William Rhodes, o presidente do comitê, disse que os bancos seriam solicitados a manter as linhas de crédito interbancário e comercial ao alterar os procedimentos de rolagem em fevereiro, pouco depois de suspender os pagamentos de juros sobre US\$ 68 bilhões em empréstimos bancários de médio e longo prazo.

Entretanto, os bancos que ignoraram o pedido de paralisação dos pagamentos de juros poderão ainda criar dificuldades ao Brasil na obtenção de financiamento para cada nova transação comercial. Poderão tentar seqüestrar os ativos brasileiros para compensar os pagamentos não efetuados.

A ausência de um pedido formal com o apoio do comitê consultivo salienta a profunda divergência entre os dois lados.